

## EDITORIAL

Este número da *Revista Estudos Nietzsche* vem a lume num momento de grande conturbação política no país. Um cenário de inquietação que diz respeito diretamente à Filosofia não apenas como um tema de debates, mas em especial por restringir tanto seu campo de pesquisa, por meio da redução de financiamentos, quanto seu campo de atuação, por exemplo, por meio da sua retirada como disciplina obrigatória no Ensino Médio, com a aprovação da Medida Provisória 746/2016. Mais do que lamentar os meandros desse cenário, contudo, o trabalho editorial, neste momento, precisa sinalizar para um *movimento contrário*. Para aquele *contramovimento* típico da Filosofia, que não produz frutos apenas em tempos de fortuna e ventura, mas também e sobretudo em épocas de adversidades. É nesse sentido, como parte desse *contramovimento*, que trazemos à luz um conjunto de artigos e resenhas que, em boa parte, traduz a pesquisa Nietzsche neste momento de incerteza política. São seis artigos e quatro resenhas, que apresentamos de forma muito sintética a seguir.

O primeiro artigo, de André Garcia, uma contribuição para o tema da recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil, mostra o modo como Nietzsche foi lido por Gilberto Freyre em conexão com o tema da raça e da “mestiçagem”, uma leitura que traz a marca e as consequências de ter sido enviesada pela interpretação de Nietzsche feita por Henry Louis Mencken. O segundo artigo, de Marco Brusotti, com tradução de Ellen C. Paiva, consiste numa reconstrução do conceito de “supraeuropeu”, um conceito extremamente produtivo para a crítica de Nietzsche à moral europeia e em especial para a avaliação das possibilidades da superação dessa moral. O terceiro, de Carlos R. Pontes, tem como escopo o tema da arte na filosofia de Nietzsche e se concentra nas possibilidades de um “crepúsculo da arte”, tomando como material de trabalho *Humano, demasiado humano* e os textos imediatamente posteriores a ele. O quarto artigo, de Gabriel H. C. Moura, trata igualmente da temática da arte na filosofia de Nietzsche, enfatizando o modo como se estabelece a correlação entre fisiologia e estética, com destaque para a interpretação das últimas obras do filósofo, nas quais se tem a sua autoencenação como o decadente que foi capaz de curar a si mesmo. O quinto artigo, de Pietro Gori, tem o propósito de apresentar a possibilidade de se identificar um componente pragmatista na base da reflexão de Nietzsche sobre a verdade. O foco especial é o tema do perspectivismo que, segundo o autor, partilharia com o pragmatismo clássico alguns elementos básicos. O sexto artigo, de Ricardo Toledo, consiste num estudo sobre os modos como se deu o contato de Nietzsche com o pensamento de Augusto Comte. O destaque é conferido a dois

aspectos, à relevância da filosofia de Comte para o pensamento de Nietzsche, especialmente no chamado segundo período de sua produção filosófica, por um lado, e às ressalvas e críticas de Nietzsche às doutrinas de Comte, por outro.

O setor de resenhas apresenta quatro trabalhos acerca de livros sobre Nietzsche recentemente publicados no Brasil e também no exterior. A primeira resenha, feita por Alice Dias, é do livro de José N. Julião “O ensinamento da superação em Assim falou Zaratustra”. A segunda, feita por Danilo Bilate, é do livro “Les historicités de Nietzsche”, de B. Binoche & A. Sorosina. A terceira, feita por Laura E. Haubert, é do livro “Nietzsche’s Philosophical Context: Na Intellectual Biography”, de Thomas H. Brobjer. A última, feita por Rodrigo F. Barbosa, é do “Léxico Nietzsche”, organizado por Christian Niemeyer e com recente tradução brasileira coordenada por Ernani Chaves.

Em tempos conturbados, portanto, oferecemos à comunidade acadêmica um material para o diálogo sobre a produção e propagação da Filosofia, a despeito das intempéries. Boa leitura!

Os editores.